

QUANDO A VIOLÊNCIA SE VESTE DE AMOR: UMA PERSPECTIVA DISCURSIVA SOBRE RELACIONAMENTOS ABUSIVOS NO LIVRO “AFTER”

CORREA, Ana Julia Mathias¹
BOEIRA, Adriana S.²

RESUMO: Na contemporaneidade, é observável um crescente aumento da incidência de violência contra mulheres, cuja visibilidade se intensifica devido à disponibilidade de canais de denúncia e redes de apoio às vítimas. Diante da complexidade inerente a esse fenômeno, o presente artigo, fundamentado na perspectiva teórica da Análise de Discurso, direciona sua atenção para questões que demandam reflexão, visando compreender o mecanismo ideológico que promove o descolamento da responsabilidade do agressor para a mulher, promovendo, assim, a perpetuação de um discurso que romantiza a violência sofrida pela vítima, tal como exemplificado na obra "After" (2014) de Anna Todd, que constitui o *corpus* deste estudo. A pesquisa parte do pressuposto de que os efeitos de sentido presentes nas sequências discursivas selecionadas, engendram leituras contraditórias, ao reforçar padrões estereotipados de gênero, nos quais a mulher é retratada como submissa e o homem como dominante, o que contribui à naturalização de comportamentos abusivos, uma vez que tais comportamentos corroboram à concepção de que a mulher deve se submeter ao homem e aceitar condutas agressivas ou controladoras em nome do amor. Para embasar essa abordagem, a sustentação teórica se pautará nos fundamentos de autores, tais como Eni Orlandi (2005), Michel Pêcheux (2015), Cleudemar Fernandes (2005) e Pierre Bourdieu (2012).

PALAVRAS-CHAVE: relacionamentos abusivos, romantização, estereótipos, naturalização.

WHEN VIOLENCE MASQUERADES AS LOVE: A DISCURSIVE PERSPECTIVE ON ABUSIVE RELATIONSHIPS IN THE BOOK “AFTER”

ABSTRACT: In contemporary society, there is an increasingly observed rise in violence against women, and its manifestation has become more apparent due to the availability of reporting channels and support networks for victims. Considering the intricate issues surrounding this topic, this article, grounded in the theoretical framework of Discourse Analysis, shifts its focus towards questions that warrant reflection, aiming to comprehend the ideological mechanism that results in a shift of blame from the perpetrator to the female subject, perpetuating a discourse that romanticizes the violence suffered by the victim, as exemplified in Anna Todd's "After" (2014), the corpus of this study. The research proceeds on the assumption that the meaning effects present in the selected discursive sequences generate contradictory readings, as they reinforce stereotypical gender patterns, wherein women are perceived as submissive and men as dominant. This contributes to the normalization of abusive behaviors, as they endorse the idea that women should submit to men and accept aggressive or controlling conduct in the name of love. To underpin this approach, the theoretical underpinnings will draw from esteemed authors such as Eni Orlandi (2005), Michel Pêcheux (2015), Cleudemar Fernandes (2005) and Pierre Bourdieu (2012).

KEYWORDS: Abusive relationships, romanticization, stereotypes, normalization.

¹ Acadêmica do curso de graduação em Letras Português/Inglês, Centro Universitário Assis Gurgacz. E-mail: anajuliamathias@hotmail.com

² Mestra em Letras pelo programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná -Linha de Pesquisa: Estudos da Linguagem: Descrição dos Fenômenos Linguísticos, Culturais, Discursivos e de Diversidade. Docente do Centro Universitário Assis Gurgacz. E-mail: adrianasilva@fag.edu.br

1 INTRODUÇÃO

Este estudo direciona sua atenção a um assunto delicado que impacta diariamente a vida de inúmeras mulheres: a violência. Explorar esse tema é ingressar em um cenário complexo de diálogos que o definem, o analisam e, em algumas ocasiões, contraditoriamente, buscam legitimar os atos agressivos.

Em um cenário de buscas pela redução das problemáticas relacionadas à violência, seja ela física ou psicológica, observa-se que determinados comportamentos sociais ainda são retratados como naturais e, muitas vezes, romantizados em filmes, séries e livros. Relações tóxicas, frequentemente consideradas prejudiciais, são paradoxalmente justificadas e atenuadas, levando os espectadores a enxergarem nesses retratos distorcidos um "modelo ideal" de relacionamento.

Tendo em vista que alguns livros são considerados reflexos da realidade e, inversamente, a sociedade pode espelhar-se na literatura para compreender suas complexas camadas, no âmbito sentimental, é notável que muitos ideais de masculinidade e feminilidade são moldados pela literatura, influenciando a percepção da "idealidade" nas relações cotidianas. Surge, portanto, a indagação sobre os fatores sociais e ideológicos que subjazem a narrativa romântica, normalizando relações abusivas.

Desse modo, a análise de um livro transcende a mera compreensão dos recursos coesivos e coerentes presentes no texto. A verdadeira análise implica em desvelar não apenas os elementos superficiais, mas também os aspectos sociais, históricos e ideológicos que muitas vezes permanecem ocultos no inconsciente dos leitores e se manifestam nos discursos que permeiam a sociedade.

Ao direcionar a atenção às diversas formas em que a violência contra a mulher se manifesta, especialmente nas relações amorosas – um ponto central na pesquisa –, abre-se espaço para uma reflexão mais profunda sobre as complexas questões que afetam as mulheres e suas decisões nesse contexto.

Para analisar essa problemática, pretende-se examinar as marcas dos enunciados presentes no *best seller* “*After*”, que remetem a uma rede de sentidos, afetando negativamente a vida das mulheres. Ao examinar os discursos que abordam esse tema, é relevante notar que partimos de uma narrativa que surge de múltiplas vozes interconectadas, que se unem para formar um discurso coletivo.

O objetivo principal é evidenciar a romantização, a naturalização da violência e a tendência a culpar a vítima, a fim de desvendar o motivo que atitudes aparentemente normais são, na verdade, distorcidas e prejudiciais. Nesse contexto, propõe-se uma atenta escuta dos discursos que atribuem culpa e responsabilidade às mulheres, especialmente no âmbito da vida privada.

Como introdução à abordagem dessas questões na pesquisa, analisou-se os elementos presentes nos enunciados que se conectam em uma teia de significados, baseados em cadeias estabilizadas dentro de determinados discursos. Esses discursos, segundo Brandão (1996) originados do efeito da memória, são recuperados e fortalecem os apelos discursivos no presente, afetando a vida cotidiana das mulheres ao longo da história.

Por meio de uma pesquisa bibliográfica, o artigo abordará em suas seções os conceitos de Análise do Discurso, utilizando livros de autores como Eni Orlandi (2005), Pêcheux (2015) e Fernandes (2005), autores que compreendem a linha de pesquisa a ser seguida, bem como o *primeiro* livro da saga *After*, de Anna Todd, objeto de análise que servirá como modelo de retratação de relacionamentos abusivos dentro da literatura. Dessa forma, a pesquisa assume uma abordagem qualitativa, fundamentada nos princípios da Análise do Discurso de Linha Francesa.

2 BREVE APRESENTAÇÃO DOS FUNDAMENTOS TEÓRICOS-METODOLÓGICOS DA ANÁLISE DE DISCURSO

A Análise do Discurso de linha Francesa – também conhecida como A.D – foi uma das correntes da linguística que procurou compreender a comunicação humana em suas diferentes formas. Fundada pelo filósofo Michel Pêcheux e pelo linguista Jean Dubois no final da década de 60, a A.D buscou entender a língua a partir de três áreas do conhecimento: Linguística, Materialismo Histórico e Psicanálise. Por meio de questionamentos sobre estas áreas, foi-se examinada a língua por meio da história, do simbólico e da ideologia (Orlandi, 2012). A principal obra sobre a Análise do Discurso é o renomado livro de Michel Pêcheux *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*, obra essa que conquistou vários estudiosos, dentre eles a analista Eni Orlandi, que chegou a traduzi-la.

A Análise do Discurso (AD) emergiu em contraposição a outras formas de estudo, questionando a transparência da linguagem. Ela levanta questões cruciais

tanto para a linguística quanto para as ciências sociais, deslocando o foco do mero texto para o discurso enquanto fenômeno sócio-histórico. Nessa abordagem, conforme Orlandi (2012), a dimensão linguística torna-se um pressuposto essencial para compreender as dinâmicas entre a linguagem e a ideologia.

Nesse sentido, a língua apresenta-se como a expressão concreta da ideologia, sendo a ideologia, por sua vez, manifestada por meio da língua. A AD não trata a língua como um sistema abstrato, como afirma Orlandi (2012), mas como a língua no mundo, considerando suas formas de ressignificar a compreensão dos indivíduos e as condições que influenciam a produção discursiva dos sujeitos.

Para os analistas do discurso, como Ingo Voese (2004), os enunciados atuais estão sempre ligados a outros passados e poderão se ligar aos futuros, ou seja, nenhum discurso é totalmente original, ele parte de outros discursos para ser feito e deve também enquadrar-se em discursos posteriores. Eni Orlandi (2005, p. 33) ainda complementa essa ideia dizendo que para as “palavras terem sentido é preciso que elas já façam sentido”, em outras palavras, o discurso de hoje só faz sentido por conta de outros discursos que o antecederam e que, em confluência, concordatória ou contraditória, fizeram com que o atual emergisse.

Essa dialogia percebida pelos analistas, não é sempre reconhecida por aqueles que a enunciam, pois elas, muitas vezes, fazem parte do inconsciente, que passa a ser chamado de esquecimento ideológico, de acordo com Orlandi (2005), o que significa dizer que, pelo sujeito ser um ser social, suas formas de comunicação estão sempre carregadas de história e ideologia, mesmo que não aparentem:

Naturaliza-se o que é produzido na relação do histórico e do simbólico. Por esse mecanismo – ideológico – de apagamento da interpretação, há transposição de formas materiais em outras, construindo-se transparências [...] para serem interpretadas por determinações, histórias que se apresentam como imutáveis, naturalizadas (Orlandi, 2005, p. 46).

Juntamente com a dialogia entre discursos, o esquecimento gera a chamada interdiscursividade, que é caracterizado como o “entrelaçamento de diferentes discursos, oriundos de diferentes momentos na história e de diferentes lugares sociais”, pois “o discurso é uma dispersão de textos e o texto é uma dispersão de sujeitos” (Orlandi, 2005, p. 70).

A historicidade, então, passa a ser um dos pontos principais abordados pelos analistas. Orlandi (2005) assevera que tudo o que é produzido possui um contexto sócio-histórico e ideológico e, por consequência, tudo o que é dito possui e advém da história. Para que um enunciado possa ser interpretado, ele precisa ser relacionado com outros enunciados “aos quais ele se apoia de múltiplas maneiras” (Maingueneau, 2017, p. 28), o que significa dizer que não é possível haver uma exegese bem fundamentada, se todo o contexto histórico por trás dela não for também estudado e interpretado.

Se todo o discurso possui história, logo, todo sujeito que se constitui de um discurso é também histórico:

O sujeito só tem acesso a parte do que diz. Ele é materialmente dividido desde sua constituição: ele é sujeito de e é sujeito à. Ele é constituído à língua e à história, pois para se constituir, para (se) produzir sentidos ele é afetado por elas (Orlandi, 2005, p. 49).

Nenhum discurso então é original, mas sim histórico, pois a história está presente em todos os indivíduos. Entretanto, há de se questionar então como os textos atuais podem se diferir tanto de textos feitos cinco mil ou dez anos atrás? É por meio deste questionamento que outro aspecto de suma importância foi estudado pelos analistas do discurso: a Ideologia.

Para Orlandi (2005) todo e qualquer sentido é determinado pela ideologia. Ora, um discurso se inscreve sim na história, mas os indivíduos possuem seus ideais para concordar ou discordar deles e, ao relacioná-los com outros discursos, geram um novo, que não é original, mas diferente dos passados. Fernandes (2005) salienta que os discursos podem ser encontrados em diferentes épocas e contextos sociais, mas que, quando se fazem presentes em novas condições de produção, integram-se a um novo contexto e ganham um novo sentido. Por exemplo, a luta pelo direito do voto das mulheres nos anos 30 pode ter passado como um discurso de luta e até de rebeldia, com pessoas a favor e contra este direito na época. Hoje, contudo, este discurso passou a ser visto como uma conquista, porque o cenário atual já conta com mulheres votando.

Os sentidos sempre são determinados ideologicamente. Não há sentido que não o seja. Tudo o que dizemos tem, pois, um traço ideológico em relação a

outros traços ideológicos. E isto não está na essência das palavras, mas na discursividade, isto é, na maneira como, no discurso, a ideologia produz seus efeitos, materializando-se nele (Orlandi, 2005, p. 43).

A ideologia de um indivíduo se faz por meios dos discursos em que ele está envolvido. Ela é inerente ao ser humano. Todos possuem uma ideologia, e esta aparece de forma consciente e inconsciente nos discursos. Para Althusser (1992) a ideologia é que constitui os indivíduos em sujeitos, por esta razão é ela que forma as diversidades discursivas, porque ela advém de sujeitos com diferentes contextos sociais, culturais e históricos.

O sujeito passa a ser então, perante essa linha de análise, não um ser individualizado, mas coletivo, que possui diferentes vozes sociais que se apresentam em sua própria voz (Fernandes, 2005).

Essas vozes sociais, como dito anteriormente, podem se apresentar de forma consciente ou inconsciente na mentalidade dos sujeitos, que os analistas nomeiam *memória discursiva*. Pêcheux (1999) descreve memória discursiva como um lugar onde um indivíduo consegue fazer todas as relações necessárias para poder compreender os enunciados a sua volta, ou seja, tudo o que está implícito. É nela que se gera conflitos de ideias que passam a se regularizar no interior do indivíduo. Orlandi (2005) ainda dirá que todos os discursos que são encontrados na memória passam a ser naturalizados pelo inconsciente, passando, inclusive, a serem vistos como imutáveis.

Todos esses aspectos – de história, ideologia e de memória – formam o chamado *sujeito discursivo*, um sujeito social, que possui várias vozes juntamente com a sua, que é carregado de ideologia e não está para além da história, mas se faz presente nela.

Voltando-se agora à literatura, Maingueneau (2017) explica que há duas vertentes que podem ser usadas para uma análise literária: uma voltada ao texto (suas estruturas e formações) e outra voltada ao contexto, em que se abrange as esferas citadas durante o artigo. Logo, as análises que serão feitas mais adiante terão toda a sua fundamentação nos contextos sócio-históricos e ideológicos que as cercam. Não serão analisadas as formações das palavras ou frases, mas o que elas significam em meio a realidade em que vivemos.

3 PERSPECTIVAS HISTÓRICAS E CULTURAIS SOBRE A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: UMA ANÁLISE PRELIMINAR A PARTIR DO ROMANCE “*AFTER*”

Antecedendo a discussão sobre a violência contra a mulher no romance “*After*”, inicia-se a reflexão a partir da discussão de certos aspectos que esboçam uma possível compreensão sobre um imaginário que ainda predomina e exerce influência na forma de estabelecer os espaços destinados a homens e mulheres na sociedade. Previamente, é preciso atravessar o percurso referente à história da mulher na sociedade, sendo o ponto de partida antes de iniciarmos a análise. Serão marcadas neste percurso, partes dos discursos que afloram do passado para contextualizar as análises das sequências discursiva feitas adiante.

De acordo com Regina Lins (2020), o início do considerado patriarcado deu-se a mais de cinco mil anos atrás, quando os homens perceberam que também faziam parte da procriação – até então não se sabia como um filho era realmente gerado. Ao entender este processo, o homem compreendeu que era tão necessário quanto a mulher para gerar um filho, e mais, viu-se como a primícia para que isto ocorresse. A partir disso, foram divididos homens e mulheres em dois lados contraditórios, dando a cada um características “ideais” e fazendo com que surgisse uma certa “rivalidade” entre os sexos: uma briga irracional de poderio que se estende até os dias atuais.

De acordo com Orlandi (2005), um discurso passa por mudanças ao longo do tempo, entretanto, ele também leva em conta o contexto sócio-histórico e ideológico para ser produzido. Dessa maneira, ao analisar as lutas contra o machismo e a violência que ocorreram ao longo dos tempos, pode-se observar um discurso de contradição e de quebra das ideologias produzidas, por exemplo, nas revistas femininas de 1950. No entanto, este contradiscurso faz-se presente na atualidade, juntamente com outros ainda antigos, em confluência.

As mulheres dos anos 50 viveram num pós-guerra, a tecnologia digital ainda estava em ascensão, logo, as revistas eram um dos principais meios de entretenimento. Nessas revistas, junto com as últimas notícias da moda, vinham os aconselhamentos às mulheres sobre feminilidade, namoro e casamento. Contudo, conforme Bassanezi (2005), esses aconselhamentos não eram realmente feitos de acordo com a opinião real das mulheres, mas sim com base em ideais masculinos.

“Não se deve irritar o homem com ciúmes e dúvidas” (Jornal das moças, 1957). Esta frase, estampada em uma revista feminina nos anos 50, reflete os valores e

normas sociais predominantes na sociedade da época, especialmente no que diz respeito aos papéis de gênero e às expectativas relacionadas ao comportamento feminino e masculino. A frase implica que as mulheres não deveriam provocar ciúmes ou dúvidas em seus parceiros masculinos, tal afirmação sugere uma crença arraigada na ideia de que as mulheres tinham a responsabilidade de manter a paz e a estabilidade emocional no relacionamento, enquanto os homens eram vistos como suscetíveis a serem irritados por tais sentimentos, revelando uma visão de relacionamentos no qual se espera que as mulheres sejam submissas a comportamentos violentos.

Partindo do pressuposto da Análise do Discurso, que postula que, ao se afirmar algo, outras possibilidades são, de certa forma, suprimidas, Orlandi (2005) ressalta que é importante compreender o que está implícito em uma afirmação como a mencionada e como tal implicação pode ainda ecoar nos dias de hoje.

Ao analisarmos a frase "não se deve irritar o homem com ciúmes e dúvidas", percebemos que ela carrega consigo uma série de não-ditos, evidenciados logo nas primeiras palavras do conselho: "Não se deve". Essa construção gramatical, de natureza imperativa, sugere um tom de comando, como se não houvesse outra alternativa para lidar com a situação, além de se calar e esperar por uma eventual melhora no comportamento do homem. A ideia de um diálogo, ou mesmo a tentativa de explicação por parte da mulher ao homem parecem ser consideradas inviáveis segundo essa perspectiva.

Tendo como base os preceitos do não-dito e considerando que as revistas eram uma das únicas formas de influência da época, juntamente com a concepção de que o sujeito discursivo deve ser compreendido com base nas vozes sociais que os rodeiam, Fernandes (2005) compreende que a ideia de que um homem poderia enciumar-se por alguma razão e que, conseqüentemente, a mulher deveria apenas calar-se e não "irritá-lo" tenha surtido efeito aceitável para muitas das leitoras.

Logo, constata-se porque mesmo com lutas contra o machismo e a favor do direito das mulheres, ainda podem ser encontrados discursos como o presente no *Jornal das Moças*, contudo com apresentações diferentes, muitas vezes, envoltos de camadas de não-ditos, como é o caso do livro e instrumento de análise *After*, que será analisado mais adiante.

3.1 AMOR, ESTEREÓTIPOS E CONFLITOS: UMA LEITURA DE “*AFTER*” DE ANNA TODD

Alguns gêneros literários, como o livro “*After*”, *corpus* deste estudo, desempenham o papel de reforçar os ideais de relacionamentos. Isso fica evidenciado na obra que está sendo analisada, pois ela atua como um apassivador de acontecimentos que podem ser considerados abusivos, normalizando acontecimentos graves no âmbito dos relacionamentos.

O livro *After* é o primeiro de uma série de livros escritos por Anna Todd. O livro foi um dos maiores fenômenos do recente gênero literário *fanfic*. Seu sucesso, de acordo com Paralela (2014), foi tão grande na plataforma *Wattpad* – mais de um bilhão de leituras on-line – que ele passou a ser um livro vendido de maneira física e, posteriormente, transformado em filme.

A trama conta a história de Theresa (Tessa), uma garota estudiosa, tímida e obediente, que entra para seu primeiro ano de faculdade. Lá, ela conhece sua colega de quarto, Steph, que possui um estilo de vida muito diferente do qual Tessa estava acostumada. Junto com Steph aparecem seus amigos, todos muito parecidos com sua colega. Entretanto, um deles chama a atenção da menina, Hardin, um garoto arrogante e rude, pelo qual Tessa percebe estar tendo certos sentimentos que vão além da amizade (Paralela, 2014).

O estereótipo do “Garoto malvado e menina inteligente e boazinha” é uma dinâmica de personagens frequentemente explorada em filmes, séries e livros. Este padrão também é evidente no livro “*After*”, onde os principais personagens são Hardin, um jovem problemático que enfrentou traumas em sua vida, e Theresa, uma jovem quieta e estudiosa, que é controlada pela mãe. Assim como em outras narrativas populares na sociedade, como a Saga Crepúsculo (2005), Belo Desastre (2017) e Diários do Vampiro (1991), as vidas desses personagens sofrem uma reviravolta completa quando se encontram. Em termos de clichês, os protagonistas tendem a se envolver em um relacionamento tumultuado, impulsionado por diferenças tanto físicas quanto psicológicas, o que leva o casal a oscilar entre o amor e o ódio.

Os estereótipos mencionados acima levantam questões sobre como a sociedade percebe os papéis de homens e mulheres, algumas vezes destacando características negativas como atrativas e interessantes. Comportamentos como ciúmes, falta de respeito, desdém, egoísmo e até mesmo violência costumam estar

associados aos chamados *bad boys* na literatura, e isso é evidente no personagem Hardin. Ao longo da história, não faltam momentos em que ele explode em raiva, utiliza linguagem ofensiva e tenta impor sua vontade. Um exemplo ilustrativo ocorre em um trecho do livro, quando Hardin e Tessa acabam por se desentender depois que Hardin fala para o namorado de Theresa que eles tinham se relacionado. Depois da discussão entre os três personagens, Tessa fica brava com Hardin e pede para que ele saia de perto dela. A amiga do casal aparece e tenta acalmar Hardin, que se retira do local com o seguinte discurso:

“Tudo bem. Vou ficar longe dela. Mas nada de aparecer com ela de novo nas festas lá em casa”, ele esbraveja, e escuto seus passos se afastando, pisando duro. Já no fim do corredor, volto a ouvir sua voz, aos gritos: “Estou falando sério, **não quero mais que ela apareça na minha frente**. Se isso acontecer, **acabo com ela**” (Todd, 2014, p. 171, grifos nossos).

Ao evocar o conceito de ideologia, Pêcheux (1997) argumenta que a formação ideológica captura o sujeito, interpelando-o em uma posição específica e normalizando significados para o sujeito que fala. De acordo com o autor, os significados não são transparentes, mas sim opacos e difusos, reiterando que o sujeito não tem controle sobre os efeitos do que ele enuncia, uma vez que, a todo momento, o significado escapa, permitindo que uma afirmação tenha efeitos diferentes do que foi inicialmente previsto. As proposições, palavras e expressões não possuem o significado intrínseco, já que o significado não está inerentemente presente na linguagem, mas sim sujeito às posições ideológicas daqueles que as utilizam.

Ao enunciar, Hardin se coloca como sujeito que assume diferentes posições e ideologias em conformidade com os propósitos das suas condições de produção. Conforme Orlandi (2012), é enfatizado que as “relações de poder” desempenham um papel fundamental na forma como as circunstâncias de criação do discurso se estabelecem. O ponto de origem a partir do qual o sujeito se expressa exerce influência na dinâmica da interlocução, e isso se reflete em sua postura.

As condições de produção são evidentes no discurso de Hardin em consonância com sua posição na estrutura social, já que suas palavras, independentemente de sua consciência a respeito, denotam sua afiliação a uma formação ideológica marcada pelo machismo. A formação discursiva do personagem, oriunda de uma formação ideológica determinantemente machista, dá poder ao

homem para que ele dite as regras e se ache no direito de considerar que, caso a amiga o contrarie e traga Theresa novamente em sua casa, ele “acabaria com ela”.

Assim, é perceptível que certas práticas discursivas são reguladas por "rituais nos quais se inscrevem, no seio material de um dispositivo ideológico" (Althusser, 1992, p. 87). O sujeito é interpelado e constrói seus enunciados a partir dessas condições de produção, estabelecendo mecanismos e estratégias de enfrentamento do discurso, tendo em vista os dispositivos ideológicos e as ideologias impostas pelos múltiplos posicionamentos que ele ocupa.

Ao refletir sobre o discurso de Hardin, observa-se o lugar em que as ideologias se materializam, sendo possível depreender os diferentes sentidos em cada enunciado; sentidos estes que, conforme assevera Orlandi (2012), são sempre determinados ideologicamente. Não há sentido que não o seja. Tudo que dizemos tem, pois, um traço ideológico em relação a outros traços ideológicos.

Ao considerar a afirmação de Hardin, "eu acabo com ela", é possível observar a materialização das ideologias no discurso. O enunciado está carregado de uma carga ideológica significativa, revelando uma dinâmica de poder e controle. Concebe-se, por isso, a FD machista do personagem.

4 ROMANTIZAÇÃO E CULPA: UM OLHAR SOBRE A DOMINAÇÃO E A DESCULPABILIZAÇÃO

Pierre Bourdieu (2012) em seu livro “A dominação masculina”, trata das situações de dominação, afirmando que a “força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção”, já que a visão androcêntrica – que coloca o homem como centro de tudo – aceita certas atitudes como naturais.

Bourdieu afirma que a sociedade ensina aos homens a amar os jogos de poder, enquanto ensina às mulheres a amar os homens que praticam esses jogos. A legitimidade de um amor desigual entre homens e mulheres provém da presença da dominação masculina entranhada nas estruturas, práticas e discursos sociais. Esta legitimação resulta na colocação em dúvida da autonomia das mulheres, já que não são aceitas pela estrutura social quando não se conformam a esses padrões.

Mesmo com tantos séculos tendo passado desde o início do patriarcado, Bourdieu (2012) constata seu espanto ao observar como atitudes que deveriam ser consideradas intoleráveis ainda permaneçam como naturais e aceitáveis. No entanto,

Fernandes (2005) faz um adendo de que a linguagem está sempre apreendida ao social e ao histórico, o que se leva a pensar que, mesmo com as mudanças sociais que buscaram diminuir a diferença social e de direitos entre homens e mulheres, ainda existam, pela história e pelo inconsciente, discursos que remontam o cenário patriarcal.

Para maior aprofundamento em relação as romantizações de relacionamentos abusivos e deslocamentos de culpa por parte do agressor, serão agora analisadas três sequências discursivas do livro *After*, a fim de que sejam elucidadas as problemáticas comentadas até então.

Durante toda a narrativa do livro em questão, é comum os leitores se depararem com cenas típicas dos considerados relacionamentos abusivos, já que não faltam momentos de briga entre o casal, contudo, estas passagens normalmente são amenizadas ou colocadas como algo comum a se acontecer dentro de um relacionamento.

A primeira sequência discursiva (SD1) trata-se do primeiro momento em que o casal teve um momento mais íntimo junto. Tessa tinha um namorado, mas depois de ter ficado com Hardin, queria terminar com ele, pois não queria trair seu namorado e pensava que ficaria com o outro.

A conversa sobre esta questão entre Hardin e Tessa se dá da seguinte maneira:

SD1: O que sinto por Hardin é outro motivo para não ficar mais com Noah.
 [...] “Conversar com ele sobre o quê?”, Hardin esbraveja.
 “Sobre tudo isso.” Faço um gesto apontando para nós dois. “Sobre nós.”
 “Nós? **Você não está me dizendo que vai terminar com ele... por minha causa, né?**”
 [...] “Você não... não quer que eu faça isso?” Minha voz sai em um sussurro.
 “**Já disse pra você que não namoro, Theresa**”, ele fala.
 [...] **Como pude ser tão burra?** Sabia como Hardin era, e mesmo assim topei ficar sozinha com ele — na verdade agarrei a oportunidade com unhas e dentes. Só porque ele foi legal comigo, fui logo pondo na minha cabeça que... que ele poderia ser meu namorado? Solto uma risada em meio aos soluços ao pensar em como sou idiota e ingênua. **Não tenho o direito nem de estar brava.** Hardin me disse que não namora, mas hoje foi tão gostoso, e ele foi tão agradável, que pensei que estivéssemos construindo algum tipo de relação (Todd, 2014, p. 114-115, grifos nossos).

Este trecho ilustra claramente um caso de deslocamento de culpa: Hardin conhecia Tess e tinha plena consciência de que ela não era uma garota que buscava apenas diversão com rapazes, além de estar ciente de que ela estava em um

relacionamento. No entanto, ao se envolver com ela e permitir que ela acreditasse que algo mais poderia surgir entre os dois, Hardin utiliza um argumento frágil ao culpar Tess por suas expectativas: "Já disse pra você que não namoro". Esse discurso instila em Tess a percepção de que foi ela quem tomou a iniciativa equivocada, retirando qualquer sentimento de culpa de Hardin, pois, segundo ele, "já havia a alertado sobre isso". No entanto, não seria justo também para Hardin compreender a posição de Tess e ter recusado qualquer envolvimento ou mantido distância dela?

Não! Tessa se torna a única culpada por se envolver com Hardin mesmo sabendo que ele não queria compromisso.

O deslocamento da culpa pode se dar por meio de relações discursivas de viés ideológico e social. Fernandes (2005) ressalta que o sujeito pode possuir diferentes identidades dentro de um discurso e estas identidades também estão relacionadas aos assujeitamentos e relações de poder (Orlandi, 2005). Portanto, constata-se que a dominância do discurso se encontra em Hardin – com seu tom agressivo e suas perguntas desacreditadas “não vai terminar com ele por *minha causa*, né?” (itálico da autora) –, enquanto a de assujeitamento, em Tessa – com a falha em sua voz e suas falas inacabadas “você não... não quer que eu faça isso?”. Esse tipo de diálogo demonstra então como Hardin consegue ser manipulador em sua fala, fazendo com que Tessa desacredite em si mesma e em suas ideias.

O assujeitamento, de acordo com Orlandi (2005), advém de um contexto histórico em que se inserem as pessoas. No caso de Tessa, como mulher, de um contexto de opressão que ainda demonstra muitos resquícios atualmente. Este contexto histórico gera um resultado que

se exerce não na lógica pura das consciências cognoscentes, mas através dos esquemas de percepção, de avaliação e de ação que são constitutivos dos *habitus* e que fundamentam, aquém das decisões da consciência e dos controles da vontade, uma relação de conhecimento profundamente obscura a ela mesma. (Bourdieu, 2012, p. 49-50, itálico do autor)

Ou seja, toda a questão histórica passa a ser relativizada ao adentrar o inconsciente e passa a ser aceita como algo natural.

A segunda sequência discursiva (SD2) se passa algum tempo depois do ocorrido na SD1. Agora, Hardin e Tessa estão namorando. Theresa cumprimenta um

rapaz que trabalha com ela em seu mais novo emprego, mas tem uma reação incômoda de Hardin:

SD2: “Oi, de novo”, o cara do terno azul-marinho diz quando atravessamos o corredor.
 “Oi, de novo”, sorrio. Ele olha para Hardin e se apresenta. “Muito prazer. Meu nome é Trevor e trabalho no departamento financeiro.” Ele acena rapidamente e diz para mim: “Bom, até mais”.
 Quando entramos na minha sala, Hardin segura meu braço e me vira para ele, com raiva. **“Que merda foi essa?”**
 Ele está brincando? Olho para meu braço e vejo que não está. **Hardin não me segura com força, mas me mantém presa.**
 “O quê?”
 “Aquele cara!”
 “O que tem ele? Eu o vi hoje cedo no elevador.” Puxo meu braço para que Hardin me solte.
 “Não parecia que vocês tinham acabado de se conhecer. **Ficaram de gracinha na minha frente.**” (Todd, 2014, p. 403, grifos nossos).

A conversa entre os namorados acerca de um outro garoto que cumprimentou Tessa demonstra um ato de ciúme violento por parte de Hardin. Entretanto, a fala de Hardin traz mais alguns aspectos de deslocamento de culpa para Tessa. Perceba nas frases “Que merda foi essa?” e “ficaram de gracinha da minha frente” presentes na SD2: ambas as frases mostram Hardin justificando seu modo violento de agir porque a culpa de tudo aquilo seria a maneira como Tessa reagiu a Trevor.

Orlandi (2005, p. 39) considera que “O lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz”. Ou seja, o lugar de dominância que Hardin foi colocado, histórica e socialmente, reflete em suas falas e atitudes e muitas vezes as justifica na sociedade. Fernandes (2005) complementa esta ideia quando afirma que um discurso não se restringe a uma época ou a um momento histórico, mas continua se apresentando ao longo dos anos, às vezes como se fosse outro discurso, enquanto outras vezes, e aqui se inclui este caso, como uma repetição de discursos passados.

A continuidade do texto traz Tessa apaziguando Hardin, dizendo que agora ela já sabia lidar com ele e acalmá-lo. Ela não se mostra ofendida ou triste, apenas aceita aquele ato como uma demonstração de afeto por parte dele, o que denota a naturalização de Tessa em relação aos comportamentos abusivos de Hardin.

Por fim, a última sequência discursiva a ser analisada trata-se de quando Hardin acaba de chegar no apartamento do casal – o qual ele convidou Tessa para morar junto –, bêbado, depois de ter passado toda a noite fora sem ter dado notícias

a Tessa, que ficou muito preocupada. A conversa entre eles acerca do acontecido se dá da seguinte maneira:

SD3: “Estou falando sério. Você não pode passar a noite toda fora sem me dar nenhuma satisfação.”
 [...] “Caso tenha esquecido, sou eu que pago as contas aqui. Então, se alguém tem que ir embora, é você”, ele responde com um olhar vazio. [...] “Você não larga do meu pé”.
 [...] “Fiquei aflita o dia todo. Você podia pelo menos ter me ligado. Tive um dia horrível e você estava por aí bebendo e fazendo sei lá mais o quê. Atrapalhou meu trabalho, e isso não pode mais acontecer.”
 [...] “Seu trabalho? Aquele que meu pai conseguiu para você?”, ele diz, com seu hálito de álcool (Todd, 2014, p. 464-465).

A história não pode ser apagada e está presente em todos os discursos existentes, pois as pessoas significam-se pela história (Orlandi, 2005). Essa última sequência discursiva traz muito fortemente o aspecto da historicidade presente no discurso de Hardin.

Fernandes (2005) reflete que o discurso encontra sua base no social, ou seja, ele não é restrito a uma estrutura ou a apenas um ser, mas está ligado a questões sociais e ideológicas que estão para além do sujeito discursivo. O discurso de Hardin não é tão incomum na sociedade e, especialmente em um passado não muito distante, era muito comum de ser ouvido. O que traz esta repetição discursiva são os aspectos de historicidade e de ideologia conjuntamente: a visão androcêntrica e patriarcal que colocou os homens como dominadores de bens materiais e, consequentemente, conforme Bourdieu (2012), da vida de outras pessoas, gera, em um personagem como Hardin, a visão de que Tessa só possui seus bens e seu trabalho graças a ele, retirando assim o sentido de capacitação por parte de Tessa.

Bourdieu (1991) afirma que “a linguagem é um instrumento de poder e de dominação, mas também é um instrumento de resistência e de luta”. O discurso pode ser usado tanto para exercer poder e dominação, quanto para resistir e desafiar as estruturas de poder estabelecidas. A resistência e a opressão materializadas nas narrativas das personagens são mostras da atuação dos discursos sobre os sujeitos. Tessa o questiona e afirma que não irá aceitar aquela situação, reivindicando o compromisso entre os dois, no entanto, Hardin a oprime, afirmando que ele era quem pagava as contas da casa, tentando culpabilizá-la dizendo que ela não “saia do pé” dele, e o estava sufocando.

A narrativa do livro expõe que Hardin havia bebido, o que pode levar o leitor a questionar: Hardin não deu ouvidos e oprimiu Tessa em razão de estar alcoolizado?

A presença da bebida na narrativa pode funcionar como um elemento simbólico que reforça a ideia de perda de controle por parte do agressor, o que pode sugerir uma associação a comportamentos irresponsáveis e agressivos de Hardin. Nesse contexto, a bebida pode simbolizar a quebra de barreiras sociais e morais que impediriam o personagem de oprimi-la e ofendê-la. Ademais, o fato dele dizer que pagava as contas e não sairia da casa é uma manifestação extrema de poder e controle sobre a vítima, e o consumo de álcool antes do ato pode simbolizar uma busca por uma sensação de poder amplificada ou uma forma de exercer controle sobre a vítima: “sou eu que pago as contas aqui. Então, se alguém tem que ir embora, é você”.

Nesse contexto, a violência surge quando a autoridade masculina é desafiada ou posta em xeque, Tess não poderia ter esperado Hardin estar lúcido para exigir algo? As respostas agressivas de Hardin ocorrem como consequência da perda ou questionamento de seu papel como dominadores e são frequentemente observadas no âmbito doméstico, onde encontram uma forma de canalizar suas frustrações, angústias e conflitos internos, como no caso do personagem, que sofreu em sua infância traumas relacionados ao abuso sexual de sua mãe e o posterior abandono de seu pai.

Na esteira das reflexões possíveis, a bebida poderia representar um sentido para um processo de desculpabilização de Hardin. Afinal, a discussão poderia ter ocorrido em qualquer outra situação, mas o fato dele estar alcoolizado implica num simbolismo que remete ao “fora de si”, já que a bebida pode ser o estopim para levar o sujeito a atitudes que não teria em condições normais. O que se deseja provocar é como pela ordem de um discurso, a cena construída deixa ruídos a serem ouvidos.

Sendo assim, a forma em que a discussão foi narrada reclama sentidos, pois o fato do namorado de Tessa estar bêbado, poderia convidar o leitor a dar escuta ao que ele lê ao alcance dos olhos. Isso o permitiria o pensamento de que a bebida pode ter influenciado para que ele se tornasse agressivo, tentando justificar e até mesmo amenizar sua culpa, visto que poderia estar sob o efeito do álcool, como foi discorrido.

A fala apresentada na SD pela posição sujeito-homem mostra a relação de força na crença do homem que acredita que a mulher deve seguir certos comportamentos que limitam o lugar social que deve ser ocupado por ela. Por meio

de um dispositivo conceitual, marcado por uma consciência que reconhece de forma livre as ideias em que acredita, o comportamento (material) desse sujeito-homem, transcorre naturalmente, pois o indivíduo se conduz de determinada forma, adaptando seu comportamento a partir de práticas reguladas e amparadas pelo aparato ideológico que defendem a sua posição.

Ao enunciar, Hardin se coloca como sujeito que assume diferentes posições e ideologias machistas e patriarcais em conformidade com os propósitos das suas condições de produção. As condições de produção se manifestam em seu discurso conforme sua posição social (na visão dele, o “provedor da casa”), pois suas palavras, conscientes ou não, revelam seu pertencimento a uma formação discursiva machista.

É importante destacar ainda que, no desenrolar de todas as sequências discursivas Hardin consegue, de alguma maneira, “redimir” seus atos: sofrendo por saber que seu pai abandonou a ele e a sua mãe agora está noivo (SD1, cap. 29, p. 128); estando enciumado por conta da aparência bonita do outro homem (SD2, cap. 80, p. 403); e também, como relatado acima, ao contar sobre seus traumas de infância (SD3, cap. 90, p.469). Ou seja, a todo o momento, há uma relativização da culpa de Hardin ou uma justificativa para seus atos, o que faz com que os leitores possam sentir certa “pena” do personagem e, assim como Tessa, aceitar os seus atos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Análise do Discurso busca sempre compreender o que está além da fala. Ela compreende que toda fala e ação tem um porquê para acontecer e terá influências em outros discursos.

O artigo produzido trouxe como temática um assunto sensível, mas de grande relevância: os relacionamentos abusivos. Durante a pesquisa, foram sintetizadas algumas dos conceitos da Análise de Discurso, bem como a mulher na sociedade. Por fim, estes dois pontos foram relacionados para se criar uma análise das sequências discursivas do livro *After*, a fim de que fosse possível compreender melhor os assuntos abordados.

Ao analisar as sequências discursivas e relacioná-las com os princípios da A.D foi apreendido como os relacionamentos abusivos ainda são naturalizados na sociedade, bem como foi possível remeter-se a fatores históricos e ideológicos para entender as razões pelas quais esses discursos ainda existem atualmente.

A romantização de relacionamentos abusivos apenas perpetua e agrava o ciclo vicioso da violência, especialmente contra a mulher. Mesmo muitas vezes começando de maneira mais branda, como por gestos e palavras. Os abusos não podem ser vistos como algo fútil ou indigno de atenção, muito menos romantizado. Pelo contrário, devem ser sempre tratados com seriedade e clareza.

É crucial ressaltar que a batalha pela equidade de gênero ainda está em curso e que foram alcançados muitos avanços. No entanto, a violência contra mulheres continua sendo um problema sério e persistente em todo o mundo, o que evidencia que a opressão masculina ainda é uma realidade presente em diversas esferas da sociedade, incluindo os relacionamentos amorosos. Isso também é observado nas passagens retiradas dos episódios da série que constituem o material desta pesquisa, pois a cada enunciação do mesmo discurso, o significado é modificado devido às condições em que foi produzido.

Por esta razão, um trabalho como este pode contribuir para muitos daqueles que não observaram ou idealizaram o relacionamento de Hardin e Theresa. Ele pode mostrar algo, o que talvez possa passar despercebido por alguns devido as ideologias que nos cercam e às vezes nos cegam. É de suma importância depreender claramente que tipo de relação este livro trata e não a romantizar, pois ela trata da realidade de muitas mulheres e homens, e não são tão empolgantes como parecem, pelo contrário, o abuso prende, fere e, muitas vezes, mata.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. Martins Fontes: São Paulo, 1992.

BASSANEZI, Carla. **Revistas femininas e o ideal de felicidade conjugal (1945-1964)**. Cadernos Pagu. Campinas, n.1, p. 111-148. 01 de jan. de 2005. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1682/1665>. Acesso em: 16 de maio de 2023.

BORDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BRANDÃO, H. H. Nagamine. **Introdução à Análise do Discurso**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996, 96 p.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. Goiânia: Trilhas urbanas, 2005.

LINS, Regina Navarro. **Amor na vitrine**: Um olhar sobre as relações amorosas. Rio de Janeiro: BestSeller, 2020. E-book (376p.) Disponível em: https://ler.amazon.com.br/?ref_=dbs_p_ebk_r00_pbcb_rnvc00&_encoding=UTF8&asin=B08K43H4TV. Acesso em: 12 abr. 2023.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e análise do Discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 23-33.

MCGUIRE, Jamie. **Belo Desastre**. São Paulo: Verus Editora, 2017.

MEYER, Stephenie. **Crepúsculo**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2005.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso**: Princípios e procedimentos. 5 ed. Campinas: Pontes, 2005.

ORLANDI, E.P. **Análise do Discurso**: princípios e procedimentos.10.ed. Belo Horizonte: Pontes, 2012.

PÊCHEUX, M. Determinação, formação do nome e encaixe. In: **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Traduzido por Eni Pulcinelli Orlandi, Lorenzo Chacon J. filho, Manoel Luiz Gonçalves Corrêa e Silvana M. Serrani. 2.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: NUNES, José Horta. **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni P. Orlandi. 3. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

PÊCHEUX, M. **O Discurso**: Estrutura ou Acontecimento. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi. 7. ed. Campinas: Pontes Editores, 2002.

SÃO PAULO (Estado). **Decreto estadual nº 23.769, de 05 de ago. de 1985**. Cria a Delegacia de Polícia de Defesa da Mulher. Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1985/decreto-23769-06.08.1985.html>. Acesso em: 09 nov. 2023.

SMITH, L. J. **Diários do Vampiro: O despertar**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1991.

TODD, Anna. **After**. São Paulo: Paralela, 2014.

VOESE, Ingo. **Análise do discurso e o ensino de língua portuguesa**. São Paulo: Cortez, 2004.

